GÊNERO E EDUCAÇÃO: MÍDIA IMPRESSA E PRODUÇÃO DO FEMININO E DO MASCULINO

Bruna Sorensen[1]
Iara Durante[2]
Janaína Corso[3]
Edinara Michelon Bisognin[4]
Eliane Cadoná[5]

Resumo: O objetivo deste trabalho se pauta na denúncia de estereótipos ligados a questões de gênero, e na discussão de como são produzidas no contexto social, por intermédio da mídia impressa, produzindo os sujeitos aos quais se refere. Foram analisados discursos veiculados em um jornal de um município do interior do Estado do Rio Grande do Sul, que abrange 22 municípios, publicados entre os meses de agosto a dezembro de 2013. Para atender aos objetivos da pesquisa nos pautamos no Construcionismo Social e nas teorias feministas pós-estruturalistas. Os dados foram analisados tendo como base a Análise de Discurso. Com esse estudo, compreendemos a grande importância que a mídia assume na produção e normatização dos conceitos ligados ao feminino e ao masculino. Nesse aspecto, entendemos a importância de problematizarmos essas questões e de permitir que se desenvolvam novos olhares acerca das questões de gênero.

Palavras-chave: Mídia. Educação. Masculino. Feminino.

INICIANDO A PROBLEMATIZAÇÃO DO TEMA EM QUESTÃO

Ser mulher constituiria um 'fato natural' ou uma performance cultural, ou seria a 'naturalidade' constituída mediante atos performativos discursivamente compelidos, que produzem o corpo no interior das categorias de sexo e por meio delas?
Judith Butler

[1] Psicóloga pela URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Frederico Westphalen.
[2] Psicóloga pela URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Frederico Westphalen.
[3] Psicóloga pela URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Frederico Westphalen.
[4] Mestre em Educação pela UPF – Universidade de Passo Fundo. Professora da URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Frederico Westphalen.
[5] Doutora em Psicologia pela PUCRS. Professora da URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Frederico Westphalen.

Os conceitos sobre homens e mulheres começam a se cristalizar na infância, e a diferença é marcada já na expectativa acerca de que meninas ajam de uma determinada maneira e meninos de outra, sendo que a socialização de cada um/a se constitui de formas distintas, ou seja, enquanto a mulher é construída a partir de um conceito de fragilidade e passividade, o homem é ligado à força, à agressão e à virilidade. Os homens dominam coletiva e individualmente as mulheres, sendo que esta dominação se configura tanto na esfera pública quanto privada, atribuindo-se a eles privilégios de cunho material, cultural e simbólico (PAIM; STREY, 2004; WELZER-LANG, 2001).

Para Monique Wittig, a diferença estabelecida entre os sexos (e entendida como uma criação humana) não é nada mais do que uma interpretação, constituída de normas fundadas em um sistema binário de gêneros. Além disso, segundo ela, há uma restrição das relevantes partes sexuais àquelas ligadas ao ato reprodutivo, o que torna a heterossexualidade uma necessidade ontológica. Quando uma criança nasce, dá-se atenção aos seus traços anatômicos sexualmente diferenciados que, por sua vez, irão determinar o seu destino social. Para Michel Foucault, essa organização binária de força, em especial quando se baseia nas polaridades de gênero, efetua-se pelas mais variadas formas de poder que, por sua vez, são produtivas e estratégicas (BUTLER, 1987).

Além disso, sabemos que valores, atributos e expectativas, bem como discursos são construções sociais originadas a partir de um contexto sociocultural específico, em um determinado espaço de tempo. Assim, em momentos de transição, como o que se vive agora, coexistem conceitos antigos e atuais acerca do papel que desempenham homens e mulheres na sociedade, sendo necessário entender as condições históricas que permeiam os conceitos humanos, ou seja, é preciso ter consciência histórica do presente (FOUCAULT, 1995; TEYKAL; ROCHA-COUTINHO, 2007).

Exemplos que podem ser colocados em termos de mudança conceitual na contemporaneidade são aqueles referentes ao gênero, em especial ao papel ocupado pela mulher na atualidade e que gera, por intermédio de discursos dos meios de comunicação e das pessoas, um conceito ainda contraditório do local que a mesma ocupa na sociedade brasileira. Vale lembrar que quando se fala em gênero e corpos, entende-se que os mesmos são produções discursivas que se constituem a partir do ato no qual são nomeados, não havendo, assim, essências verdadeiras, íntimas e naturais para se manifestarem, representadas e construídas em cima da materialidade do corpo (NARVAZ; KOLLER, 2007).

A partir das questões acima expostas, convém considerar que a educação assume um papel fundamental na produção de sujeitos, tendo em vista que estes estão inseridos nos estabelecimentos escolares desde a mais tenra infância. Dessa forma, é inegável a influência que professores e professoras exercem, consequentemente, nas questões de gênero.

Nesta perspectiva, Alicia Fernández, ao palestrar no VII Congresso da Escola Particular Gaúcha, faz referência ao grande poder do/a professor/a na construção da subjetividade do/a aluno/a. Para ela, "a escola tem um papel importantíssimo, porque pode manter alguma modalidade danosa, que venha já da infância, desde a família, ou pode, ao contrário, mudar" (FERNÁNDEZ, 2003: 51).

Por intermédio de toda essa discussão, a Psicologia assume papel fundamental, à medida que se compromete com a movimentação do pensamento e a denúncia de verdades absolutas que produzem práticas discriminatórias, de violência e de exclusão. Problematizar tais questões, compreendendo que estas interferem de maneira significativa nos padrões de relacionamento das pessoas nos permite colocar em análise o instituído, produzindo processos de singularização.

Desse modo, o objetivo deste trabalho se pauta na denúncia de estereótipos e conceitos ligados a questões de gênero, e na discussão de como elas são produzidas no contexto social, por intermédio da mídia impressa e dos discursos ligados à educação por ela veiculados, produzindo, de diferentes modos, os sujeitos aos quais se refere.

1 APORTES TEÓRICOS OU "MODOS DE COMPREENDER A REALIDADE"

A história do gênero tem como objetivo introduzir na história global a dimensão da relação entre os sexos, apontando que esta mesma relação não é um fato natural, mas sim, uma relação social construída e que está constantemente sendo remodelada, constituindo-se, ao mesmo tempo, efeito e construtora da dinâmica social (COLLING, 2004).

Em "Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade", Judith Butler desconstrói o conceito de gênero em que se baseou a teoria feminista. A divisão entre sexo e gênero sustenta, segundo ela, a política feminista, partindo do pressuposto de que o sexo é natural e o gênero, uma construção social. Butler repensou a identidade definida das mulheres, entendendo-a enquanto uma categoria que deveria ser defendida e emancipada, ressaltando que o problema estava na inexistência do sujeito cujo feminismo queria

representar. A autora radicalizou os pensamentos já problematizados pelas feministas, criticando o modelo binário no que diz respeito à distinção entre sexo e gênero (RODRIGUES, 2005).

Em alguns momentos, quando o gênero é explicado enquanto construção, tem-se aí um determinismo de significados desta mesma palavra, que estão inscritos em corpos diferentes e compreendidos como passivos de uma lei, que é cultural e inflexível. Sob essa perspectiva, o gênero parece ser algo determinado e fixo, da mesma forma que a biologia, quando vista como destino inevitável. Neste caso, a cultura toma o lugar da biologia, tornando-se destino (BUTLER, 2008).

A conceituação de gênero, enquanto culturalmente construído, em contraponto com o sexo, visto como naturalmente adquirido, tinha como intuito defender ideias *desnaturalizadoras* onde se concretizaram as associações entre o feminino e a fragilidade e submissão, que, nos dias atuais, ainda servem para justificar preconceitos. O par sexo/gênero foi utilizado pelas teorias feministas até meados da década de 80 para contestar as características que eram tidas como naturalmente femininas sendo, a partir daí, problematizado. Butler procurou descolar do conceito de gênero a ideia de que este provinha do sexo, questionando em que medida o sexo e o gênero são arbitrários. Aceitar que o sexo é algo natural e o gênero cultural, é afirmar, segundo ela, que o gênero expressaria uma essência do sujeito (RODRIGUES, 2005).

A posição feminista humanista percebe o gênero enquanto atributo da pessoa, entendido como uma substância preestabelecida. Para Butler, no entanto, "o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes" (BUTLER, p. 29, 2008).

Ao problematizar a famosa frase de Simone de Beauvoir "Não se nasce mulher, mas torna-se mulher", Judith Butler (1987) aponta que, sob este ponto de vista, a identidade natural e a identidade de gênero não coincidem e, a partir do momento em que as pessoas não se tornam o que são, consequentemente, o sexo desaloja-se do gênero. Além disso, a autora ainda indaga: se o gênero é uma questão de escolha, o que acontece com a ideia de gênero enquanto interpretação cultural do sexo, ou ainda, que fim possui a maneira pela qual as pessoas são culturalmente interpretadas? É possível o gênero ser uma questão de escolha e também culturalmente construído?

Ainda que Beauvoir coloque que as pessoas se tornam seus gêneros, é preciso levar em conta o movimento temporal que implica esse "tornar-se", pois essa é uma atividade que acontece o tempo todo. O gênero, dentro dessa perspectiva, é entendido como um modo expresso na contemporaneidade que organiza normas do passado e do futuro, que exprime um modo das pessoas se situarem e, por intermédio dessas normas, torna possível um modo de viver o corpo no mundo. Entretanto, a partir do momento em que a sociedade exige uma clara afinidade de gênero, fica difícil existir fora dessas normas estabelecidas (BUTLER, 1987).

> A angústia e o terror de abandonar um gênero prescrito ou de passar para o território de outro gênero comprovam as contribuições sociais sobre a interpretação de gênero e a necessidade de *haver* uma interpretação, isto é, a liberdade essencial na origem do gênero. Do mesmo modo, a generalizada dificuldade em aceitar a maternidade, por exemplo, como realidade institucional e não instintual exprime essa mesma interação de constrição e liberdade. O esforço por interpretar sentimentos maternais como necessidades orgânicas revela um desejo de disfarçar maternidade como uma prática opcional. Se maternidade se torna uma escolha, então o que mais é possível? Esse tipo de questionamento freqüentemente causa vertigem e terror ante a possibilidade de perder sanções sociais, de abandonar um lugar e uma posição sociais sólidos. O fato de que esse terror é tão bem conhecido dá o maior crédito à noção de que a identidade de gênero repousa na base instável da invenção humana (BUTLER, 1987, p.144).

A história das mulheres é recente, uma vez que, desde que a História se constituiu enquanto ciência (século XIX), seu lugar ficou à mercê das representações dos homens, ou seja, dos historiadores. E, a partir daí, esses historiadores escreveram a história dos homens, considerada universal, sendo que a história das mulheres se desenvolveu à sua margem. Estes homens, ao escrever a história das mulheres, ocultaram-nas enquanto sujeitos, hierarquizando a história e, a partir daí, os dois sexos assumiram valores distintos, sendo que o masculino acabou ocupando uma posição superior em relação ao feminino. Essa hierarquização em relação à diferença entre os sexos acabou gerando a desigualdade (COLLING, 2004).

A articulação da mídia com a produção de subjetividade ancora-se, dentre outros autores, em Fischer (1996; 2002), a qual refere que a mesma exerce uma função importante na constituição de subjetividades, por intermédio de imagens, de saberes e de significações em prol da educação das pessoas, apontando-lhes modos de ser e de exercer suas práticas no cotidiano. A mídia assume um papel fundamental na produção do sujeito contemporâneo, veiculando valores, concepções e modos de entender a realidade, sendo um espaço de formação que, junto com a família e as demais instituições, interfere na elaboração de conceitos e modos de viver.

E é por intermédio de sistemas de representação social, veiculados nos espaços midiáticos, que se criam, em meio a nossa sociedade, diferentes papéis estabelecidos para os sujeitos, papéis estes que ganham, com o tempo, certo *status* de naturalidade: o papel de mãe, de criança e de doente mental, por exemplo. Ao falarem e serem falados pela mídia, esses mesmos sujeitos posicionam e são posicionados por intermédio dos discursos, criando uma rede articulada de saberes (FISCHER, 2001; SCHÜTZ, 2003).

Quando nos referimos a instituições, partimos do conceito proposto por Baremblitt (2002). Para o autor, a sociedade é formada por uma rede de instituições que são as leis, as normas, os hábitos e as regularidades de comportamento presentes em nosso cotidiano e que irão regular as atividades humanas, apontando para o que devemos e o que não devemos ser. A mídia, nesse contexto, passa a ser o meio pelo qual as mais diferentes instituições se expressam: beleza, justiça, educação, dentre tantas outras. Colocar em análise o que nos é imposto enquanto verdade implica em colocar em movimento a problemática instituinte/instituído[6], ou seja, problematizar a forma como as verdades, conceitos e saberes formulados a partir dessas instituições criam novos valores, costumes e normas e de que maneira também consolidam, cristalizam, instituem modos de ser. São muitas as instituições que fazem parte de nosso cotidiano. Somos atravessados, constituídos por elas, mas também fazemos parte dessa produção, produzimos práticas.

Em meio a esse contexto, a análise do jornal assume um papel importante na denúncia de padrões e estereótipos produzidos em um determinado contexto, pois seus caráter de veiculação constante dá ao/à pesquisador/a uma noção da forma como os discursos vão se constituindo em uma dada realidade (CAVALCANTE, 2004). Atentar para a significação de tais padrões e estereótipos permite olhar para os discursos que se constituem na educação das pessoas, e que poderão ecoar consideravelmente no modo como nos reconhecemos enquanto sujeitos.

2 MÉTODO

[6] Para o institucionalismo, existem, em meio às instituições, duas vertentes: a do instituinte e a do instituído. O instituinte são os momentos de transformação institucional, forças que tendem a transformar a instituição ou até mesmo fundá-la, configurando-se em um processo. O instituído é o produto desse momento inicial de produção de instituições, sendo, portanto, o efeito da atividade instituinte.

Este estudo segue uma epistemologia de caráter qualitativo. A escolha desse enfoque se dá pelo fato de que, com esse tipo de pesquisa, é possível considerar a comunicação do/a pesquisador/a com seu objeto de estudo enquanto parte da produção de conhecimento. Dessa forma, reflexões, sentimentos e impressões deste/a em meio ao processo de pesquisa transformam-se em dados que constituirão parte da interpretação. Além disso, a pesquisa qualitativa possui uma grande variedade de métodos que partem de diferentes premissas na busca pelos mais variados objetos, sendo que cada um desses métodos encontrará uma forma diferenciada de compreensão (FLICK, 2004) o que, de certo modo, permite entender o processo de pesquisa inseparável das percepções políticas, culturais e contemporâneas do/a pesquisador/a.

A justificativa para a escolha do material para a realização da pesquisa está no entendimento que temos sobre a mídia impressa, bem como na repercussão dela na produção de subjetividades. Mais do que um simples veículo de opinião, a mídia constitui-se como instrumento formador dessa opinião e de formas de comportamentos, pensamento e padrões sociais, uma vez que o jornal, por exemplo, condensa relatos sobre acontecimentos os mais variados que se referem, de modo especial, a um ordenamento material e simbólico daquela cidade e da região em que é escrito, configurando-se como simultaneamente local e universal em suas pretensões de bem informar (CAVALCANTE, 2014).

Para responder aos referidos objetivos do estudo e possibilitar a presente discussão, delimitamos as edições, bem como as notícias relevantes para a análise. De acordo com Cavalcante (2014), isso não significa que a totalidade dos conteúdos inscritos nas páginas do jornal deixe de ser observada pelo/a pesquisador/a, visto que é essa análise e confronto entre a particularidade eleita e o universo de acontecimentos que permite compreender o lugar e o valor dos fatos específicos.

Dessa forma, nosso estudo pautou-se na análise de vinte e duas edições publicadas aos sábados, durante o último semestre do ano de 2013, período compreendido entre julho e dezembro. Destacamos que o jornal em questão é produzido semanalmente em uma cidade localizada na Região Norte do Estado do Rio Grande do Sul, e cobre vinte e dois municípios, com publicações aos sábados e quartas-feiras[7]. Em nosso estudo, direcionamos a atenção às notícias que trouxessem em seu título uma ou mais das palavras-chave a seguir, todas elas

[7] Destacamos que a eleição dos jornais de sábado para a realização do estudo se deu em função de que as publicações desse mesmo dia contemplam um maior número de cadernos e sessões, o que nos possibilitou uma maior apreensão de discursos.

eleitas com base na literatura que fundamentou o referido estudo: mulher, homem, feminino, masculino, educação, ensino, aprendizagem. Posteriormente, envolvemo-nos na verificação dos sentidos ligados às questões de gênero, que serviram de base para problematizações, sem eleger uma sessão específica do jornal, tendo em vista que nosso objetivo era compreender como questões de gênero, por intermédio da educação, apareciam nas mais variadas páginas do jornal em análise. Por questões éticas, utilizamo-nos de um nome fictício para o jornal, com fins de preservar sua marca e porque entendemos que sua identificação não era necessária na explanação do estudo. Para tanto, chamaremos o mesmo de "O JORNAL".

Os dados foram analisados por intermédio da proposta de análise de discurso de Medrado, Passarelli, Lima, Miriam, Spink, Frezza e Menegon, (2000), que compreendem que o discurso, presente nas mais diversas estruturas de poder, constitui-se no uso institucionalizado da linguagem. Nesse contexto, o sentido é compreendido como um empreendimento coletivo. Por intermédio dele, o humano, a partir do contexto histórico-cultural em que vive, constrói termos a partir dos quais compreende, se posiciona, dá conta do seu dia a dia (SPINK, 2010).

Destacamos ainda que não temos a pretensão, com este estudo, de apontar o veículo de comunicação por nós eleito e seus/as escritores como únicos responsáveis pela produção dos discursos analisados. Compreendemos que tal jornal faz parte de um cenário social que produz, cultua e reproduz tais discursos e, portanto, alimenta e também direciona tudo o que é escrito neste meio de comunicação. Assim, compreendemos o jornal em análise como um porta-voz daquilo que é produzido em nossa sociedade e que, embora não esteja neutro em meio a tudo isso, é fruto de seu tempo e, portanto, tudo o que veicula é autorizado e cultuado em um cenário sociocultural específico.

3 DIALOGANDO COM O JORNAL

> *O tempo de nossa própria vida, o tempo dos jornais, do rádio, dos acontecimentos [...] na verdade, é apenas a superfície do tempo presente, as ondas ou as tempestades do mar (BRAUDEL, 1992 apud CAVALCANTE, p. 2, 2014).*

A partir do enunciado acima destacado, percebemos que, para falarmos de mídia, gênero e educação em um contexto atual, devemos fazer um resgate histórico, ir "a fundo no tempo" e mergulharmos na compreensão dos processos que culminaram na construção do

cenário social em que vivemos hoje. Para tanto, debruçamo-nos na análise do jornal eleito para este estudo, na tentativa de compreender como as concepções de gênero e educação estão sendo veiculadas e, a partir disso, desafiar-nos a olhar de outra forma para algumas questões fortemente ancoradas ao nosso fazer profissional.

Nessa perspectiva, e partindo das ideias do Construcionismo Social, as quais pressupõem que o modo como damos sentido às coisas, por intermédio da linguagem, são produções sociais características de seu tempo (GERGEN, 2009; GERGEN e GERGEN, 2010), entendemos que as construções relacionadas ao gênero e ao sexo, bem como a consequente educação voltada para a normatização do que cabe ao masculino e ao feminino sempre estiveram presentes na sociedade de forma muito bem arquitetada, fazendo com que não se pensasse além do que era proposto, ou imposto.

Nesse aspecto, também os meios de comunicação foram importantes na legitimação desses discursos, entendidos por Foucault (2004) como sendo práticas que sistematicamente formam os objetos de que falam, e não se reduzem a um conjunto de signos que remetem a conteúdos ou a representações (FOUCAULT, 2007). Podemos então compreender a grande importância que a mídia assume e igualmente o jornal, enquanto mídia impressa, na estruturação de sujeitos a partir da criação e veiculação de conceitos sociais, como também na normatização do que concerne ao sexo feminino e ao masculino.

Inicialmente, podemos pensar nessas construções a partir do que argumenta Silva (2014), em relação à concepção bíblica, fortemente difundida e seguida na sociedade durante milênios, que reproduziram, e ainda reproduzem, a mulher como algo sagrado, como um ser que nasce - dependente do homem - com a função de lhe fazer companhia e proporcionar prazer, sem ter a possibilidade de ser sujeito com ideias próprias ou decisões autônomas, mas com a doçura e a candura de quem está – por dever – sempre pronta para servir ao seu senhor (LOPES, 2010, *apud* SILVA, 2014: 3).

Nesse sentido, vem ao encontro os entendimentos de Santos (2014) de que as principais justificativas para tais dissociações entre homens e mulheres são a legitimação da ideia de que é da '*natureza*' feminina ser frágil e da '*natureza*' masculina ser forte, bem como as atribuições cultuadas como "naturalmente" femininas de fragilidade, vulnerabilidade, amabilidade, ternura e sexualidade. Muitos desses argumentos ainda pautavam-se nas percepções centrais de características biológicas como a pouca força física e até o menor peso do cérebro, bem como no corpo e sexualidade da mulher (SANTOS, 2014).

Dessa maneira, podemos pensar que, ao compreendermos historicamente o sujeito como determinado pelo social e pelos interesses deste, destacamos vários pensamentos dominantes em cada período, pautados em interesses que propiciavam a emergência de modelos de pessoas, criando também a ideia de um sujeito universal e ativamente masculino que dá corpo a duas problemáticas. A primeira, da supremacia do masculino, que revela as classes hierárquicas das diferenças sexuais, o que mostra um investimento dos significados de representação e totalidade; e a segunda, da ideia de uma essência do sujeito ligada ao sexo ou classe social (MARIANO, 2005).

Assim, compreendemos que tais construções sociais, à medida que criam relações de saber/poder (FOUCAULT, 1999), tentam legitimar e tornar naturais esta dicotomia e hierarquia de gêneros, bem como autorizam determinadas práticas e concepções acerca de cada figura, como por exemplo, de que o "lugar natural" da mulher é a casa, e o "lugar natural" do homem é a rua (SANTOS, 2014: 5), fazendo com que, a partir disso, os processos sociais efetivados pelos sujeitos culminem na produção de práticas que reforcem essas estruturas igualmente discriminatórias.

Contudo, pautadas nas teorias do construcionismo social, entendemos que as condições e os lugares sociais são construções históricas e variam no tempo, sem que possam ser entendidos como naturais, prontos e acabados (Santos, 2014). Por conseguinte, adotamos a ideia de Alves e Pitanguy (*apud* LAVRATTI, p. 3, 2011) de que:

> o 'masculino' e o 'feminino' – como questões de gênero – 'são criações culturais' e, como tal, são comportamentos apreendidos através do processo de socialização, que condicionam diferentemente os sexos para cumprirem funções sociais específicas e diversas de acordo com os interesses de cada período histórico. Dessa maneira, *aprendemos* a ser homens e mulheres e a aceitar como 'naturais' as relações de poder entre os sexos.

Ademais, é necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas a forma como essas características são representadas ou valorizadas que vão constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico (LOURO, 2003). E tudo isso se dá para que possamos também compreender que o que era determinado historicamente por uma classe e veiculado, era obedecido por toda a sociedade, a qual não se via permitida a pensar além de qualquer delimitação, sobretudo, por ter como consequências as represálias sociais e também da religião (SILVA, 2014).

Ainda, é a partir de tais considerações que podemos compreender que resquícios

destes fatos ainda servem de moldes, atualmente, para legitimar determinadas formas de dominação, mesmo com algumas transformações decorrentes de lutas feministas, que discutem tais questões de gênero e objetivam uma nova forma de olhar e questionar esses padrões mantidos historicamente.

Sendo assim, nos aspectos de que trata nossa análise, seguimos a discussão em conformidade com o que destaca Cavalcante (2014), de que a primeira página do jornal merece sempre uma leitura atenta e cuidadosa, pelo fato de ter uma importância primordial, no sentido de que oferece, de um lado, um apanhado das principais notícias, que seguem um critério de julgamento do próprio editorial e levam também em consideração os julgamentos do social naquela data específica e, por outro lado, pelo fato de que fazem uma espécie de mapeamento do conjunto de conteúdos oferecidos pelo jornal, fazendo com que nela, o/a leitor/a encontre sempre as notícias de maior efeito social.

Levando em consideração estes aspectos ressaltados e o fato de que as capas dos jornais também refletem a ideologia deste e o significado do conteúdo veiculado (CAVALCANTE, 2014), atentamo-nos à análise meticulosa de todas elas, e pudemos perceber que, na grande maioria, não aparecem as palavras-chave por nós eleitas em meio às notícias de capa, embora em muitas estejam presentes ilustrações que remetem a elas.

Dessa forma, percebemos a utilização de imagens de homens e crianças sempre relacionadas a manchetes que sinalizam grandes empreendimentos, tomadas de decisões importantes e relativas ao mercado de trabalho e a esportes radicais, a exemplo dos trechos de notícias que seguem e que acompanham as imagens com as características acima destacadas:

> Rumo à UTI - casa de saúde ingressa em um período de ampliações para humanizar o atendimento, entre elas está à construção da Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) adulto, com 10 leitos (O JORNAL, p. 1, 10 de agosto de 2013).

> Jornal do dia 14 de setembro de 2013, com a manchete: Frederico em Luz, trabalho na colmeia – A definição da temática do Frederico em Luz 2013 deu início aos trabalhos de criação dos objetos que irão decorar o município a partir da segunda quinzena de novembro. O evento, que retorna neste ano, terá como tema 'Um doce Natal' e vai envolver a comunidade em atividades que despertem a imaginação e a espiritualidade com a atividade da Colmeia Sonora (O JORNAL, p. 1, 14 de setembro de 2013).

Com relação à figura feminina (mulher e criança) observamos que as notícias voltam-se para atividades relacionadas à leitura, prática de atividades físicas, cuidados com a saúde, e ainda vinculadas à tradição gaúcha e ao lar, o que parece relacionar a mulher, muito mais do

que o homem, a uma figura de cuidado, que assume sim um novo lugar no contexto social, mas que igualmente mantém – e assim deve fazer – o lugar "tradicional" que historicamente ocupou. Com relação ao exposto, citamos duas capas que ilustram esta percepção geral que tivemos:

> Jornal do dia 7 de setembro, com a manchete: Vivendo mais e melhor. – Os brasileiros ganharam, em média, mais de nove anos em relação à expectativa de vida e a projeção é de que os idosos tenham que manter-se ativos para suprir a falta de mão de obra no futuro (O JORNAL, p. 1, 7 de setembro de 2013).

> Jornal do dia 21 de setembro, com a manchete: "Semana Farroupilha. A música perpetuando a tradição. – Show de Shana Muller foi uma das atrações d programação farroupilha de FW, que atraiu quase 10 mil pessoas na semana. O 35º Acampamento Farrapo encerra hoje, com a final do 1º Canto da Canção Gaúcha e apresentação da dupla César Oliveira e Rogério Melo. Na região, vários municípiso tem atividades para este fim de semana (O JORNAL, p.1, 21 de setembro de 2013).

Com relação às crianças, destacamos a capa do jornal do Dia da Criança, que, a partir da relação que faz entre imagens e notícias/reportagens/manchetes, reflete-se a conclusão apresentada anteriormente:

> 31ª Feira do Livro, a festa da literatura. – Milhares de pessoas participam desde quarta-feira, 9, da programação da 31ª Feira do Livro de FW, promovida pela prefeitura, através da Secretaria de Educação e Cultura, com o apoio de entidades parceiras. Com foco para o público infanto-juvenil, evento trouxe nomes conhecidos do universo literário, como Fabrício Carpinejar. Atividades no Largo Vitalino Cerutti encerram-se hoje (O JORNAL, p. 1, 12 de outubro de 2013).

A relação se estabelece no sentido de que, acima desta imagem, ao lado do nome do jornal, está presente a foto de um menino que segura uma placa em que está escrito "Eu vou, Circuito AU do dia da criança". E, ao lado, uma pequena manchete: "Dia das Crianças- Circuito AU acontece em FW neste sábado, 12, e no domingo, 13, em Seberi".

Em relação ao conteúdo interno dos jornais analisados, percebemos que este veículo de informação e formação de opinião parece contribuir para esta dicotomia entre os sexos, no sentido de que afirma e reafirma um lugar para o feminino ligado ao consumo, ao culto ao corpo e à moda. Nesse sentido, a questão à qual nos propomos não é negar que este espaço seja realmente ocupado pelas mulheres, mas é propor um pensamento para além desta linearidade que faz parecer da "natureza feminina" tais comportamentos. Ao problematizarmos tal questão, não a tomando como evidência, podermos compreender que esta dicotomia entre os sexos seja produzida pelo social com estímulo dos meios de

comunicação. Queremos, portanto, evidenciar que há uma produção discursiva que penetra na vida do sujeito, que diz como, de que modo deve se comportar e que não nos permite olhar de outro modo para a situação, tamanho o grau de naturalização ali impresso.

Como exemplo do que foi acima exposto, destacamos uma sessão do jornal que, em alguns sábados, é intitulada "Papo de Mulher" e em outros "Papo de Homem", sendo que nessas 22 edições analisadas, das 15 vezes em que esteve presente a coluna, 8 vezes intitulou-se "Papo de Mulher" e 7 vezes intitulou-se "Papo de Homem".

Relacionado a isso, entendemos que os temas veiculados são predominantemente direcionados ao público feminino e dão dicas de como a mulher deve se vestir, autorizando o uso de algumas peças de roupa em determinados períodos para que a mulher fique mais elegante, sexy, de acordo com as tendências da moda ou resgate o tradicionalismo, criando, dessa forma e novamente, "regras sociais" que, ao mesmo tempo em que refletem as questões postas no coletivo, devolvem a ele novos padrões de comportamento e o que devemos esperar de cada sexo. É o caso, por exemplo, da reportagem do dia 7 de setembro da sessão "Papo de mulher", que destaca "o estilo da mulher gaúcha. – Mais moderna e despojada, porém, sem deixar o regionalismo de lado" (O JORNAL, 7 de setembro de 2013: 45).

A partir dessa reportagem, parece haver uma permissão para que a mulher se vista de maneira "mais moderna", mas que mantenha presente também as questões da tradição, às quais parecem não se resumir ao vestuário, mas também ao comportamento. Podemos também pensar em uma tentativa de "permitir"/"aceitar" socialmente a mulher e suas transformações, contudo, "possibilitar" a necessidade - dita como possibilidade - de vincular o tradicionalismo a isso: "Papo de Mulher – Aperta a cintura, levanta os seios e Voilà! – O corselete é uma peça muito sensual, que combina com os acessórios ideais garante um visual sofisticado e para qualquer ocasião" (O JORNAL, 28 de setembro de 2013: 45).

Nesse sentido, podemos entender que tal reportagem, ao mesmo tempo em que autoriza o uso de uma peça de roupa sexy, à medida que resgata uma vestimenta bastante antiga no vestuário feminino, reforça a necessidade do mantimento de um padrão corporal – cintura fina e peitos grande e erguidos.

Quando tal sessão é direcionada ao homem, as informações são veiculadas de forma que pareça despretensiosa e referindo-se à mesma padronização que é feita para as mulheres, como se fosse algo para o qual o homem deva dar pouca importância, mas mesmo assim fazer. Dicas de como escolher um óculos de sol que "expressa um estilo particular e esteja de

acordo com o modelo do rosto", são veiculadas de forma que se justificam pela necessidade de o homem reforçar a sua condição masculina. Ainda, para os homens, a escolha dos sapatos também deve ser pensada pela versatilidade e conforto, novamente para garantir que o homem enquadre-se nos padrões considerados modernos. Igualmente, a importância de veicular uma reportagem que ajude o homem a escolher o terno, é pautada na necessidade de o homem ter um "look perfeito e elegante". Como exemplo, temos o Jornal do dia 31 de agosto, em que na sessão "Papo de Homem" salienta que "o segredo é não estar na moda. – Com cores e peças fora do casual, o estilo hipster vem tomando o gosto dos homens" (O JORNAL, 31 de agosto de 2013: 45).

Durante a análise das reportagens, chamou-nos atenção o grande número de notícias presentes na Ronda Policial, que se relacionavam diretamente ao sexo masculino. As notícias encontradas eram do tipo: "Homem é morto com facadas"; "Homem é condenado por homicídio simples"; "Homem é preso ao agredir o filho". Neste aspecto, levamos em consideração o que Veiga-Neto (2007) expõe, embasado nos conceitos de Foucault. O autor destaca que os discursos, a exemplo deste que implicitamente relaciona o homem com a figura de um sujeito criminoso, agressivo e transgressor de leis, por exemplo, se manifestam como "verdadeiros" e, por isso, são aceitos e tomados em toda a sua positividade, construindo sujeitos de conhecimento e assujeitados do conhecimento.

Uma vez que a veiculação de notícias dessa forma parece relacionar diretamente o homem à prática de crimes, tanto como autor, quanto como vítima, somos levados a pensar o quanto esses discursos também são produtores de sujeitos igualmente criminosos, agressivos e transgressores da lei, uma vez que os próprios discursos midiáticos legitimam isso. Nesse mesmo sentido, em relação à veiculação de notícias relacionadas à mulher, percebemos a ligação desta a atividades mais voltadas para as questões da casa e da família, o que igualmente, através desses discursos, produz relações estereotipadas que perpassam esse entendimento veiculado coletivamente.

Como exemplo, temos matérias do caderno Rural em que, com frequência, fala-se em família cuidando dos negócios na propriedade rural, mas a ênfase dada é para a figura masculina (pai e filho/s) quando se trata das questões financeiras, enquanto que à figura feminina (mãe e filha/s) cabe a administração da casa.

Além disso, a veiculação da imagem da mulher predominantemente está relacionada às questões sexuais, em que seu corpo torna-se um atrativo, o que faz com que à mulher seja

atrelado o poder e dever da sedução. Paradoxalmente, nesse mesmo cenário, é alvo de punições, uma vez que fica clara a necessidade de a mulher realizar tais incumbências, mas continuar sendo "dama" na sociedade e "valorizar-se", ou, pelo menos, que seja "capaz" de assumir as consequências desses atos (como gravidez indesejada, por exemplo), como se esses fossem de responsabilidade apenas dela.

Exemplo dessa visão ainda preconceituosa, que parece resistir às mudanças do tempo apresenta-se na reportagem intitulada "A beleza da mulher frederiquense", de autoria masculina, em que o escritor inicia destacando a quantidade de moças da cidade que tem "atributos" que "arrancam suspiros prolongados de admiração", além de deixar o sexo oposto "apaixonado, certamente, na demora pecaminosa da contemplação". Contudo, não bastasse essa visão de vítima, o autor, homem, segue o texto relacionando a mulher a uma mercadoria, e exprimindo a sua revolta em relação às "moças que expõe, na vitrine da demanda, e que se entregam tão barato ao primeiro pretendente que lhes envia um torpedo açucarado". Para finalizar, diz que as "mulheres, que foram presenteadas com dotes excepcionais de encanto, um dia terão de prestar contas" pelo uso que fizeram de sua beleza, caso elas a utilizem, segundo ele, para, irresponsavelmente, ter relações sexuais e gerar filhos em relações com "rapazes inconsequentes" (O JORNAL, 7 de dezembro de 2013:20).

Contudo, é importante ressaltar, dentro desse contexto, que a pessoa que escreveu este texto não é somente produtora de um saber, mas é também produto de discursos que se fortalecem na sociedade à medida que tomam um caráter de verdadeiro e único (VEIGA-NETO, 2007), a exemplo do caráter religioso difundido pelas escrituras da bíblia, e citado por Silva (2014).

Sendo assim, precisamos entender que as opiniões expressas e veiculadas pelo jornal apenas são possíveis de se manifestar desta forma, porque existem discursos similares que vão ao encontro delas e são capazes de tanto produzir sujeitos a partir desses moldes, quanto causar sofrimento em sujeitos que não entendem como verdade única a responsabilização de condutas e padronização de comportamentos por ser de um sexo ou de outro.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES, MUITAS INTERROGAÇÕES...

De forma geral, a partir desta pesquisa, objetivamos investigar e compreender como são produzidos e significados os estereótipos ligados ao feminino e ao masculino, bem como investigar se a mídia impressa contribui, e de que forma, para o mantimento de relações dicotômicas entre os sexos e para a produção de sujeitos a partir destes discursos binaristas.

Percebemos assim, a partir da análise, que na sociedade atual continua presente um discurso binarista, que procura reafirmar a diferença entre homens e mulheres apresentando formas de comportamento e pensamento "adequadas" a cada sexo, o que culmina na produção de sujeitos que também são produtores de um saber social que, na grande parte do tempo, tende a fortalecer padrões culturais e distinções hierárquicas de gênero.

Observamos ainda que existe uma relação bastante íntima entre visões antigas e novas, que culminam na padronização de homens e mulheres quanto ao jeito de portarem-se, vestirem-se, consumirem e até pensar, evidenciando que ainda hoje existe uma coerção bastante grande em função da condição biológica com a qual se nasce, que resulta em formas de pensamento que acabam sendo naturalizadas em função da naturalização de tais práticas, o que acaba por servir de base para posicionamentos preconceituosos e tendenciosos, que desconsideram toda a singularidade das pessoas em meio aos processos políticos, culturais, econômicos e sociais de cada tempo histórico.

Diante de todas essas questões abordadas, é evidente que não podemos dizer qual é melhor maneira de lidar com essas questões sociais. Também não queremos negar as diferenças biológicas ligadas a cada sexo, mas procuramos fomentar a importância de atentar-nos para esses discursos produzidos no social ou devolvidos a ele após uma leitura midiática, para que seja possível olharmos para tudo isso com novos olhares e de forma menos naturalizada, percebendo assim outras possibilidades de darmos conta da realidade.

Enquanto pesquisadoras e mulheres, não pretendemos nos colocar na condição de vítimas em meio a tudo isso, mas sim poder mostrar que ainda hoje há a necessidade de discussões que movimentem o cenário atual e possibilitem que os sujeitos sejam vistos por si e pelos outros de forma singular e única, capazes de refletir sobre o que está posto e de promover mudanças em prol de uma maior qualidade de vida.

Por fim, queremos destacar as considerações feitas por Heleieth Saffioti (1992 *apud* SANTOS, 2014: 5), pesquisadora brasileira das relações de gênero que, embasada nas ideias de Simone de Beauvoir, destaca que "gênero é uma maneira de existir do corpo e o corpo é uma situação, ou seja, um campo de possibilidades culturais recebidas e reinterpretadas" [...]

sendo que, por consequência, "o corpo é essencial para definir a situação da mulher ou do homem no mundo, porém é insuficiente para defini-la enquanto mulher ou defini-lo enquanto homem".

GENDER AND EDUCATION: PRINT MEDIA AND FAMALE AND MALE PRODUCTION

Abstract: The objective of this work is to denounce stereotypes and concepts related to gender issues, and discussion of how they are produced in the social context, through the print media and speeches connected to education in its wake, producing, in different ways, the individuals to whom it relates. Therefore, speeches broadcast in a newspaper of a municipality in the state of Rio Grande do Sul, covering 22 municipalities, were analyzed. The analyzed editions were published between August and December 2013. To meet the research objectives in theory, we were based on the assumptions of social constructionism and the feminist post-structuralism theories in order to question the discourses that circulate in print media, related to gender issues and concepts, stereotypes and male and female patterns. The data were analyzed based on the Discourse Analysis. With this study, we understand the importance media assumes in the production and standardization of concepts related to the feminine and the masculine. In this regard, we understand the importance of problematize these issues and allow themselves out new views about gender issues.

Keywords: Media. Education. Male. Female.

REFERÊNCIAS

BAREMBLITT, Gregório. **Compêndio de análise institucional e outras correntes**: teoria e prática. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2002.

BORGES, Lenise Santana; CANUTO, Alice de Alencar Arraes; OLIVEIRA, Danielle Pontes de; VAZ, Renatha Pinheiro, Abordagens de gênero e sexualidade na psicologia: revendo conceitos, repensando práticas, **Psicologia**: Ciência e Profissão, 2013.

BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero; Beauvoir, Wittig e Foucault, in Seyla Benhabib; Drucilla Cornell (coord.). **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 139-154, 1987.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. **O jornal como fonte privilegiada de pesquisa histórica no campo educacional**. Consultado a 22.03.2013, em http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema4/0429.pdf.

COLLING, Ana Maria, O corpo que os gregos inventaram, in Marlene Neves Strey; Sônia Cabeda (orgs). **Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 49-64.

FERNÁNDEZ, Alicia. **O valor subjetivante da escola e sua incidência em/desde o ser docente**. Nova Escola, 165, 49-52, 2003.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso**: mídia e produção de subjetividade. Tese de doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação, **Cadernos de Pesquisa**, 114, 197-223, 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de enunciar na e pela TV, **Educação e Pesquisa**, 28 (1), 151-162, 2002.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder, in Hubert Dreyfus; Paul Rabinow. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica:** para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense, 2007.
GERGEN, Kenneth. O movimento do construcionismo social na psicologia moderna, **Interthesis**, 6 (1), 299-325, 2009.

GERGEN, Mary; GERGEN, Kenneth. **Construcionismo social**: um convite ao diálogo. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2010.

LEVATTI, Giovanna Eleutério. **Um breve olhar acerca do movimento feminista**, Unesp, Bauru, SP, 2011. Consultado em 07.07.2014, em http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/Um-Breve-Olhar-acerca-do-Movimento-Feminista_Giovanna-Levatti.pdf.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista, Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. **Estudos feministas,**13 (3): 483-505, 2005.

MEDRADO, Benedito et al. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano:** aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2000.

NARVAZ, Martha ; KOLLER, Sílvia. A marginalização dos estudos feministas e de gênero na psicologia acadêmica contemporânea, **Psico**, PUCRS, 38 (3), 216-223, 2007.

PAIM, Maria Cristina Chimelo; STREY, Marlene Neves. **Corpos em metamorfose**: um breve olhar sobre os corpos na história, e novas configurações de corpos na atualidade. Lecturas: EF y Deportes, 10 (79), 2004.

RODRIGUES, Carla. Butler e a desconstrução do gênero, **Estudos Feministas**, 13(1), 179-199, 2005.

SANDRE-PEREIRA, Gilza et al. Conhecimentos maternos sobre amamentação entre puérperas inscritas em programa de pré-natal, Cadernos de Saúde Pública, 16(2), 457- 466, 2000.

SANTOS, Juliana Anacleto dos. Desigualdade social e o conceito de gênero. 2014. Consultado a 22. 07.2014, em http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/05/artigo-3a7.pdf.

SCHÜTZ, Anelise. Relações entre amamentação, inteligência e aproveitamento escolar: uma problematização a partir dos Estudos de Gênero, **Anais do II Seminário Internacional Educação intercultural, gênero e movimentos sociais:** Identidade, diferenças, mediações. Florianópolis, 2003.

SILVA, Carla. **A desigualdade imposta pelos papeis de homem e mulher**: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero, 2014. Consultado a 22.07.2014, em http://www.unifia.edu.br/projetorevista/artigos/direito/20121/desigualdade_imposta.pdf.

SPINK, Mary Jane. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Centro Edelstein, 2010.

TEYKAL, Carolina Macedo; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho, **Psico**, 38(3), 262-268, 2007.

VEIGA-NETO, Alfredo (2007), **Foucault e a educação**. 2 ed. Belo Horizonte: autêntica, 2007.

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino**: dominação das mulheres e homofobia, Estudos feministas, 9(2), 460-482, 2001.